

CASAS ESCRITAS

Denis Leandro FRANCISCO

Universidade Federal de Minas Gerais

RESUMO: Esse texto analisa a falência dos arquétipos espaciais – em especial daqueles vinculados ao espaço e às ambiências da casa – e propõe uma teorização sobre a emergência de uma mitologia espacial contemporânea. A partir de uma releitura crítica da obra *A poética do espaço*, de Gaston Bachelard, discutem-se os modos de apresentação do tópico espacial da casa, tanto socialmente quanto na ficção, examinando-se algumas das imagens dessa casa ficcional e o modo como essas imagens se revestiram de várias significações ao longo da história, seja reforçando ou traindo os investimentos presentes no imaginário cultural, afastando-se ou aproximando-se dos arquétipos fixados.

PALAVRAS-CHAVE: Espaços ficcionais; casa; contemporaneidade; imagem; Gaston Bachelard.

ABSTRACT: This text analyzes the fall of space archetypes – especially of those related to house space and its ambiances – and proposes a theorization about the emergence of a contemporary space mythology. From a critical reading of the book *The poetics of space*, by Gaston Bachelard, the ways of presentation of the space topic of the house are discussed, both socially and fictionally, examining some of these fictional house images and the way they were covered by several significations throughout history, strengthening or contradicting the investments found in the cultural imaginary, drawing apart or approaching settled archetypes.

KEY-WORDS: Fictional spaces; house; contemporaneity; image; Gaston Bachelard.

1 CASAS E IMAGENS

(...) vendeu a casa mãe e ao perguntar a quem comprou não sabiam de si, eu no portãozinho em que um alpendre novo

quer-se dizer um alpendre, nunca tivemos alpendre, um sótão que não tivemos também e uma criança que não era eu (...)

não a nossa casa que estranho, outra casa, o frigorífico sem o anão da Branca de Neve em cima, os pregos que sustentavam a genciana à vista embora com uma trepadeira desconhecida a crescer em florinhas azuis e que o meu pai não regou, nem gaivotas nem cachorros, os destroços da ponte, uma mulher não semelhante a si, mais gorda, a proteger a criança

- Queres alguma coisa daqui? (ANTUNES, 2001a, p. 150).

A casa tem sido um dos tópicos espaciais mais explorados, não apenas pela literatura propriamente dita, mas também pelas teorizações¹: a casa como espaço da subjetividade e da intimidade, espaço que se opõe à abertura, a princípio ilimitada, da cidade – esse outro espaço, predominantemente urbano, da fuga, das identidades coletivas, território do *flâneur* e da visibilidade. Boa parte dos trabalhos críticos que se propõem falar do espaço na literatura irá pensar, basicamente, nessas duas espacializações. Adentremos, pois, também nós, algumas dessas casas contemporâneas, alguns desses espaços íntimos recobertos de significações simbólicas.

São muitas as casas de que se ocupou e se ocupa a literatura. Ao longo da história literária, essas casas foram, quase sempre,

¹ Da literatura à música popular brasileira, são várias as produções culturais que exploram o *topos* da casa: escritores como Drummond, Manuel Bandeira, Mario Quintana, João Cabral de Melo Neto, José Paulo Paes, Graciliano Ramos e Machado de Assis, além de compositores como Chico Buarque de Holanda e Orestes Barbosa, revisitaram, em suas obras, esse tópico espacial.

pensadas como espaço a ser necessariamente habitado, espaço domiciliar a ser ocupado como residência, moradia, lar. Dessa casa acolhedora, hospitaleira e “cósmica”², aconchegante e redentora, com seu sótão elevado e seu porão rebaixado – sua verticalidade –, dessa casa-concha nos fala Gaston Bachelard³. De uma outra imagem possível de casa, espaço onde se invertem ou dissipam quaisquer polaridades, espaço de dispersão e morte, da ruína e do transitório do desamparo e da individuação, dessa casa-às-avessas nos falar muitos dos textos ficcionais contemporâneos⁴.

A fenomenologia espacial bachelardiana procede a um colagem de arquétipos da casa: sótão e porão, vela e luz elétrica; hierarquizações, polarizações, concentração. Bachelard postula um casa arquetípica ideal que apresenta, necessariamente, três andares muito bem delimitados: porão, térreo e sótão, espaços secretos: recônditos e escuros contrapostos a outros, visíveis e iluminados; sugerindo uma certa dialética da razão e da desrazão, do humano do inumano, do público e do privado, das relações secretas e solitária do sujeito consigo mesmo e das ações abertas a outros olhares e outras presenças. Nenhum cruzamento, nenhuma intromissão de um espaço próprio no espaço alheio, nenhuma invasão de territórios: essa é uma casa com cada-coisa-em-seu-lugar e um-lugar-para-cada-coisa. Esse espaço crivado por forças tão poderosamente verticais harmoniosas é o lugar do ser, da permanência, do constante, daquilo que ultrapassa a temporalidade para fundar laços imaginários d

² O conceito bachelardiano de *cosmicidade* está ligado à dimensão mitológica da natureza, aos seus arquétipos que, inapelavelmente, estabelecem “cada coisa em seu lugar”, garantindo uma ordem desde sempre presente e inabalável. Essa cosmicidade opõe-se, de certa forma, à artificialidade, apresentando-se como um potência salutar e agregadora.

³ Ver a respeito: *A poética do espaço*, em especial os capítulos I (A casa. Do porão ao sótão. O sentido da cabana) e II (Casa e universo).

⁴ Alguns exemplos contemporâneos dessa casa em desconstrução seriam, na literatura brasileira, os textos de João Gilberto Noll e, na portuguesa, as narrativas de António Lobo Antunes.

fixidez, ainda que esse poder de imantação cósmica só exista – isso Bachelard não deseja admitir – como um efeito cultural.

O projeto bachelardiano busca ou deseja que essa mitologia radicalmente cósmica da casa seja reavivada – o que indica, sublinearmente, sua consciência de que tal mitologia está já esmorecida, que ela já não é mais dominante na cultura moderna:

À falta de valores íntimos de verticalidade, é preciso acrescentar a falta de cosmicidade da casa das grandes cidades. As casas, ali, já não estão na natureza. As relações da moradia com os espaços tornam-se artificiais. Tudo é máquina e a vida íntima foge por todos os lados. (BACHELARD, 2000, p. 45).

Não se vive mais sob o império dessa cosmicidade salutar e generosa, dessa potência agregadora e reconfortante. Tal cosmicidade espacial foi já, indubitavelmente, soterrada pela cultura da Modernidade. Vive-se, ao contrário, a era do desencantamento dos espaços, sobretudo do espaço da casa: esse *locus* familiar e agregador por excelência é negativado, atravessado por linhas de força desconstrutoras e desestabilizadoras dessa mitologia arquetípica:

Talvez eu gostasse de viver nessa casa que me descrevem como sombria e estranha, embora todas as casas sejam sombrias e estranhas quando se é criança e não se cresceu aí o suficiente para nos apercebermos que as sombras e as estranhezas existem em nós e não nas coisas, e então desiludimo-nos a pouco e pouco com a aborrecida e estática vulgaridade dos objetos. (ANTUNES, 1996, p. 231).

A aborrecida e estática vulgaridade dos *espaços*, poderíamos dizer. Uma casa sem *anima*, casa rarefeita. Diante dessa constatação da falência dos arquétipos e das mitologias que envolvem e engendram esse modelo da “casa-ninho”, pode-se, portanto, pensar um outro projeto espacial, que não é necessariamente excludente: um projeto que considere a historicidade dos espaços. Tal projeto tomaria as

mitologias espaciais sob uma perspectiva propriamente antropológica e não mais de uma perspectiva essencialista.

Não se trata de afirmar que nos textos ficcionais da contemporaneidade não existam mitologias, não existam arquétipos. Trata-se de pensar que essas mitologias só existem, hoje, como fantasmas daquelas concebidas por Bachelard e arrastadas por todo o imaginário ocidental; e que esses arquétipos, por mais paradoxal que essa afirmativa possa parecer, são mutantes, são históricos e persistem, agora, como espectros daquilo que foram. Daí que se possa encontrar nas casas imaginárias da contemporaneidade, a despeito de tantas desestabilizações e inversões operadas na lógica tradicional dos espaços, traços, resquícios desse modo arquetípico de habitar, numa espécie de permanência residual desse *modus vivendi*: o arruinamento, a degradação e a desestabilização desses espaços contemporâneos reversa e ironicamente sugerem uma certa permanência de uma cosmicidade algo fantasmática, meio desaparecida, mas que continua a operar por um sinal negativo, por sua ausência-presença.

A casa arquetípica “é um corpo de imagens que dão ao homem razões ou ilusões de estabilidade.” (BACHELARD, 2000, p. 36). Toda imagem, no sentido proposto por Bachelard, é sempre ambivalente, já que, diferentemente do conceito, a imagem é um composto, formado, muitas vezes, por elementos opostos – ainda que a dimensão insistentemente salvífica da poética bachelardiana, por vezes, obstrua essa percepção. Mais do que se deixar cristalizar em um “bom” ou “mau” estáticos e eternos, a imagem trabalha com a integração, ela agrega, fazendo girar, em um único movimento, sentidos diversos: positividade e negatividade, acolhimento e repulsão, ordem e desordem.

Muitas das imagens de casas figuradas na ficção contemporânea desestabilizam esse formato da casa arquetípica, caracterizada por seu centro integrador, casa primordial, propulsora de afetos e imantadora. A casa contemporânea diz aquilo que a casa bachelardiana jamais irá sequer sussurrar: ela diz *não*. Não à suposta

evidência dos seus espaços, não a uma certa “topofilia”, uma certa adesão incontestada do sujeito aos espaços concebidos como sinônimo de fixidez e de imutabilidade funcional. Na ficção do escritor contemporâneo António Lobo Antunes, por exemplo, a imagem da casa traz, em seu próprio cerne, o seu próprio revés: não mais o espaço da casa como reduto, não mais os espaços mínimos e acolhedores, os cantos com valor de concha, não mais a segurança, a estabilidade e o conforto da casa-ninho – esse espaço da casa é pensado como espaço de ambivalências e de negatividades, negatividade que remete, principalmente, às experiências de morte e de finitude que atravessam os espaços narrados. Cada uma dessas casas se funda sobre esse índice de dispersão: esse esvaziamento é, por assim dizer, o alicerce dessas casas imaginárias.

Os espaços contemporâneos são constantemente apresentados como extensão sem profundidade, como pura superfície sem verticalidade, como horizontalidade. Tendo o império da profundidade sido já desmantelado pelo saber contemporâneo, a lógica dessa casa ficcionalizada na literatura – ainda que continue a operar sobre um fundo mimético – mimetiza uma certa perturbação da ordem, um certo esvaziamento dessa profundidade – dessa cosmicidade, dirá Bachelard. Essa a nova configuração das mitologias espaciais contemporâneas: espaços de superfície, espaços “aéreos”, rizomáticos e corporificados.

2 CASAS-CORPOS

A partir de uma íntima e fundamental relação entre os sujeitos e os espaços, a casa contemporânea será pensada em relação ao corpo, mas, diferentemente do corpo concebido pela poética bachelardiana – um corpo de ordem claramente cósmica e orgânica –, o corpo ficcionalizado será pensado em uma perspectiva não-integradora, em sua tensa e desagregadora manifestação.

Na pura superfície onde se constroem muitos dos textos ficcionais contemporâneos – espaço a ser habitado não pelo humano pelo ser, pelo sujeito, mas pela possibilidade da linguagem, pelo “se bruto da linguagem” (FOUCAULT, 1990, p. 13-14) – há espaço para apenas um tipo de corpo: um corpo sem órgãos, sem fluidos: esvaziado e consumido pelo arruinamento, pela doença, pela morte. Os espaços da casa e do corpo – esse corpo movido por afecções, infecções, corpo doente e degradado – formam um mesmo e único par *casa-corpo*, um mesmo e único espaço de experiência corpórea simbólica e materialmente arruinado. Corpo e casa aderem-se um ao outro por meio dos estímulos e das sensações que recobrem ambos: sensações e experiências que são, no universo ficcional contemporâneo, negativas: casas e corpos envelhecidos, esvaziados, desmoronados, casas e corpos atormentados.

Nessa estranha arquitetura desses espaços ficcionais, percebe-se que são indissociáveis a construção do texto e o arruinamento das coisas: narrar os espaços da casa é, irremediavelmente, narrar a morte desses espaços. Essa topografia arruinada da contemporaneidade confunde-se com a anatomia de um corpo em ruínas, de um corpo também ele degradado e consumido. A personagem Soraia, um travesti decadente figurado em uma das narrativas de António Lobo Antunes, evidencia esse mútuo arruinamento do espaço e do corpo ao trazer em si mesma um índice de negatividade que reverbera pelos cômodos da casa: doente e envelhecida, essa personagem torna-se uma figura decrepita, os frascos de silicone que injetou “a rebentarem-lhe o peito e ele a queixar-se de dores” (ANTUNES, 2001a, p. 85), e a pele manchada a denunciar sua deterioração, ao mesmo tempo em que a casa se desfaz gradativamente. A imagem corporal da personagem confunde-se e se mescla à imagem espacial da casa que ela habita:

- Dizem que estou doente Paulo

e pensando bem falava de outra pessoa noutra casa, noutro quarto, uma notícia que lhe não dizia respeito, uma novidade sem interesse, qual a importância de

- Dizem que vou morrer Paulo

comparada com a banheira que não funcionava

há séculos e lhe servia de arca, o lavatório escorado por um pau de vassoura onde apenas a torneira da esquerda num fiozinho avarento e todavia lustres, colchas de damasco, o orifício no roda-pé para a cave onde ferviam ratos, encostava-se a orelha e trotezinhos e guinchos, o rafeiro do laçarote a aumentar o orifício com as unhas, chove-lhe no quarto e na sala (...). (ANTUNES, 2001a, p. 150).

A morte do corpo se processa simultaneamente à morte dos espaços da casa, como se a falência de um obrigasse à destruição da outra. Como em tantas das narrativas contemporâneas, a morte manifesta-se no espaço do próprio corpo da personagem, através de sua doença sem possibilidade de cura, e ressoa pelas paredes da casa, igualmente contaminadas pela moléstia e pelo esboroamento. O eu que habita essas novas casas imaginárias está, também ele, de tal forma dissipado por essa força de negatividade que seu corpo comunga com um curioso e singular “mineralismo”, unindo-se ao próprio inumano, aos objetos da casa, aos seres inanimados, numa cosmicidade “pós-moderna”, atualizada, anti-bachelardiana – no sentido em que impele a uma não-comunhão ou a uma comunhão com o abjeto, com o deteriorado, com aquilo que, como o espaço da casa, está em franco processo de decomposição:

e nessa tarde, ao sentir fome, procurei de comer na despensa e na cozinha, sem encontrar mais do que latas de conserva vazias e boiões de compota a que se agarravam crostas de açúcar que o garfo não lograva separar do vidro de que faziam parte agora, como se de imperfeições dos frascos se tratasse,

e coloquei um copo debaixo de uma torneira e rodei o manípulo para abri-la, qualquer coisa percorreu devagar os canos da parede,

um viscozinho tombou uma lágrima no ralo e calou-se, e eu pensei Cortaram a água, cortaram a luz, cortaram o gás (...)

de modo que acabei por utilizar, quando escurecia, (...) a água do tacho da raposa para uma infusão das folhas da nespereira que resistia, doente de parasitas, no pátio da cozinha (...). (ANTUNES, 1996, p. 265).

Essas casas contemporâneas apresentam-se em consonância com sua função mais arquetípica, mais bachelardiana: a função de abrigar. Abrigam, comportam e servem de morada, contudo, a um inusitado e insigne habitante: a morte. A desestabilização do espaço da casa arquetípica dá origem a imagens de casas que colocam em questionamento ou, pelo menos, perturbam a auto-evidência desse espaço como um espaço familiar⁵. As casas que se expõem na ficção antuniana, por exemplo, aproximam-se sempre da imagem de uma “casa trêmula de tão precária, como que feita de caixas de cartão bolorento” (ANTUNES, 1996, p. 265). Uma casa-garagem é, ainda assim, uma casa?

Se o meu namorado se enganar nos fios e a garagem for inteirinha pelo ar, por mim, palavra de honra, é-me indiferente. Estou cansada de dormir num colchão atrás dos automóveis, acordar com dores de cabeça derivado aos vapores da gasolina, encontrar a roupa na mala manchada de fuligem, viver rodeada de pneus, motores e embreagens em vez de quadros e móveis (...), vestir-me à pressa, calçar-me, procurar o pente no meio de chaves de fendas para um jeito rápido no cabelo (...). (ANTUNES, 2001b, p. 123).

⁵ Aliás, a casa se mostra, na ficção contemporânea, precisamente como esse espaço simultaneamente familiar e estrangeiro, espaço de inquietude, espaço, por excelência, do *Unheimlich*. Como foi já discutido por Freud em sua formulação do conceito de *estranho*, sabemos que, etimologicamente, a palavra *unheimlich* [*estranho*] comporta, em si mesma, a palavra casa [*heim*] e a palavra familiar [*heimlich*], sugerindo que aquilo que há de mais estranho em nós é, precisamente, o que nos é mais próprio, mas que foi, de alguma forma, recalcado, permanecendo submerso. Essa outra casa recalcada emerge, agora, à superfície do texto de ficção.

Sim, dirá Bachelard: “Todo espaço realmente habitado traz a essência da noção de casa.” (BACHELARD, 2000, p. 25). O imaginário constrói paredes e estabelece os limites do abrigo nos mais insuspeitados espaços. Uma vez que se mostra impossível separar o espaço físico do modo como ele é percebido, esses textos ficcionais, de certa forma, questionam a primazia dos espaços habituais e dos espaços “concretos” sobre outros tipos de espaço – subjetivos, imaginários, espaços da memória. As novas imagens de casa surgem da deformação das imagens que nos acostumamos a ver, a nova possibilidade de uma casa-garagem ou de uma casa-sótão surge da diluição/deterioração da casa-lar arquetípica: e do interior dessa casa familiar [*heimlich*] emerge a mais estrangeira das casas [*unheimlich*].

3 A CASA INABITÁVEL OU O INABITÁVEL-HABITÁVEL

A verticalidade do espaço da casa arquetípica é sinônimo de diferenciação: o sótão – ponto mais elevado da casa – é absolutamente diverso do seu espaço mais rebaixado – o porão. A horizontalidade, por outro lado, está para a indiferenciação, para a domesticação e o apagamento das potências cósmicas da natureza. Muitas das casas ficcionais contemporâneas aproximam-se dessa horizontalidade, mas essas casas de papel problematizam essa idéia dicotômica ao gerarem uma imagem que é, simultaneamente, de força e de esvaziamento, construtora e dissipadora de sentidos. A horizontalidade dos espaços contemporâneos equivale, sim, à homogeneização, à perda de cosmicidade provocada pela ausência da qualidade metafísica presente na verticalidade, mas gera, simultaneamente, uma outra cosmicidade: a cosmicidade do inabitável.

Essa casa imersa na cosmicidade contemporânea integra apenas contingências, multiplica interrupções, acolhe desencontros: nessa nova casa, o sujeito surge como um ser irremediavelmente disperso. A casa é, assim, vivenciada por um movimento negativo, pelo que lhe falta das casas que nos habituamos a reconhecer como

tais: “Já não é em sua positividade que a casa é verdadeiramente ‘vívida’, não é somente no momento presente que reconhecemos o seus benefícios. Os verdadeiros bem-estares têm um passado. Todo o passado vem viver, pelo sonho, numa casa nova.” (BACHELARD, 2000, p. 25), afirma Bachelard. Nessa amostra da ficção contemporânea que a escrita de Lobos Antunes nos fornece, o verdadeiros mal-estares têm muito mais passado – muito mais história – muito mais maturação – e não se eximem de habitar as casas do presente. Com a mesma ou maior força que os sonhos, os pesadelos de outrora ocupam os espaços de agora e os fantasmas “ancestrais” que Bachelard não previu povoam as nossas casas imaginadas. A intimidade do interior da casa é invadida, penetrada por elementos estranhos, advindos do espaço exterior, tornando turvo e descaracterizando esse espaço arquetípico. A casa contemporânea verte-se, assim, num espaço, a princípio, inabitável – inabitável porque terrível, porque desolador –, o qual a literatura, de alguma forma e por algum tempo, torna outra vez habitável.

Tudo indica que essas inversões ou deslocamentos que a ficção contemporânea tem operado no imaginário mais tradicional sobre a casa suprimem sempre um número muito limitado de variáveis, não abrem um campo que se possa apontar como “completamente” novo para se pensar os espaços, já que mesmo quando se trabalha com essas inversões e esvaziamentos dos arquétipos se está, em última instância, trabalhando com a imagem-fantasma desses modelos arquetípicos, ou seja, com o “eco” da “casa primordial” a reverberar sobre a “casa contemporânea”. Esses procedimentos, em alguma medida, simultaneamente reforçam e desestabilizam os arquétipos originais: pode-se inverter e trocar sótão e porão de lugar, mas esse artifício não desfaz a lógica de uma potência vertical do espaço da casa. O sótão – espaço a princípio destinado aos pensamentos elevados, à reflexão, às experiências diurnas – pode converter-se em espaço de trevas, espaço noturno, habitado pelo desconhecido, pelo monstruoso – pode se converter, portanto, em porão –; mas seu campo de polarizações não pode ser desfeito por essa mera inversão.

Bachelard está certo em sua insistente afirmação de que “as moradas do passado são imperecíveis dentro de nós.” (BACHELARD, 2000, p. 26): mesmo quando essa morada é um espaço abandonado, deserto, coberto de heras, de animais mortos, com armários e prateleiras vazios e alimentos apodrecidos espalhados pelo chão, mesmo quando se tem um sótão escuro e úmido – um espaço *inabitável* – como morada, ainda assim se teima em reconhecer esse espaço como um espaço de identidade, de estabilidade, de referência, como espaço, em uma palavra, da *casa*:

(...) e eu para mim (...) Quem será este primo que se tornou proprietário da Calçada do Tojal e quer vender a estanhos o que me pertence, este primo que somente agora, ao cabo de tantos anos, me vem expulsar de casa acompanhado por estranhos, espiolhando a minha roupa, os meus chás de rebentos de nespereira, o meu sótão, apropriando-se do esconso em que me oculto como um bicho na terra (...). (ANTUNES, 1996, p. 274).

Mesmo com todo o esvaziamento provocado pela negatividade em meio à qual se funda boa parte dos textos literários contemporâneos, é difícil afirmar que haja, de fato, um afastamento do parâmetro imagético. Se pensarmos a imagem sempre como esse amálgama de positividade e negatividade, veremos que, na verdade, o que se tem é um movimento dentro da própria imagem. E isso talvez porque não haja, para um texto que se propõe encenar a casa, que se propõe representar – não importa se num projeto de afastamento ou de aproximação mimética – esse espaço tão carregado de atribuições histórico-culturais, como se eximir desse imaginário: por mais variáveis relativas ao espaço que esse texto seja capaz de decompor, não há como não arrastar consigo essa carga cultural. Alguns textos irão se afastar dessa adesão à função original do habitar, mas esse afastamento faz apenas deixar entrever, como seu efeito colateral, a proximidade insuspeitada dessa, aparentemente tão distante, imagem da casa arquetípica.

Isso não quer dizer que todos os processos, empreendidos pela literatura contemporânea, de desmantelamento e resignificação da casa e de outros espaços tenham o mesmo poder em se afastar ou não dessa mônada bachelardiana, mas deixa evidente que pretender trabalhar ou conceber o espaço como mero palco no qual as ações transcorrem, como se a categoria espaço sempre fosse dependente ou devedora da categoria ação, pode ser uma chave crítica pouco produtiva para muitos dos textos contemporâneos que tematizam o espaço da casa. O espaço pode, sob essa perspectiva contemporânea anti-essencialista, ser percebido como espaço ativo – como categoria em ação, em ato – e não mais como espaço passivo. O espaço, de certo, não é, na contemporaneidade, imune à ação: ele está em processo constante de metamorfose, como tantas outras categorias no interior da narrativa. A casa deixa de ser, então, uma “casa-cenário” para se converter em “casa-personagem”.

4 A CASA-ESPAÇO-DA-MEMÓRIA

Os textos ficcionais contemporâneos, ao menos em sua parcela mais significativa, operam a partir dessa outra lógica espacial. Espaço e tempo, instâncias antes manipuladas como se fossem absolutas, são, nesses textos de ficção, apresentadas como relativas e subjetivas. O espaço, pensando como mera geografia até o princípio do século XX, desdobra-se em um espaço-tempo de experiências, de vivências, de subjetividades: espaço de simultaneidades. Sujeito – percepção subjetiva – e espaço interpelam-se mutuamente. O espaço agora será forjado a partir do cruzamento dos muitos e diferentes planos espaço-temporais ocupados pelo sujeito, configurando-se como um espaço múltiplo, aberto e instável.

O espaço coeso se abre em variados espaços a partir da “compressão espaço-tempo”, que nos arranca o conforto de pensarmos em termos de um espaço plano e de um tempo linear-cronológico, lançando-nos em meio a um perturbado e perturbador

tempo pluriforme, continuamente rearranjado segundo sua componente espacial – que, por sua vez, é sucessivamente reatualizada pela memória. A casa atual mostra-se, por vezes, esvaziada e desinteressante e personagens passam a habitar, imaginariamente, o espaço atraente e colorido, recheado de ornatos e de enfeites, da casa passada, casa da infância, evidenciando que “(...) as diversas moradas de nossa vida se interpenetram e guardam os tesouros dos dias antigos” (BACHELARD, 2000, p. 25):

Gostava de ir ao Príncipe Real aos domingos por causa dos chapéus, capelines, cartolas com fitas de cetim pelas costas abaixo, capacetes que pareciam metálicos e eram de feltro com penachos azuis, no Bico da Areia (...) o guarda-fato quase vazio, uns trapos, uns cintos, uns casacos de lã ao passo que em casa do meu pai a roupa de mulher ocupava a cozinha, a dispensa, derramava-se no sofá espreguiçando mangas (...). (ANTUNES, 2001a, p. 51).

As duas casas coexistem num mesmo espaço-tempo de simultaneidades. O espaço do passado é reatualizado pela memória desse sujeito habitante que está em uma e em outra casa – ou *entre* uma e outra –, sempre tentando recuperar a moradia da infância e alicerçar a sua própria. A casa natal – esse não-lugar ao qual o sujeito deseja retornar – e a casa sonhada – esse outro não-lugar ao qual o sujeito aspira – confundem-se duplamente: em seu mesmo desejo e em sua mesma impossibilidade.

Essa casa ficcional repleta de cômodos e móveis atulhados de pequenos bibelôs, de enfeites de porcelana, de forros e cortinas de naperon esboça um quadro do *kitsch* como uma das tendências da cosmicidade contemporânea, essa cosmicidade atualizada e que se manifesta nas cadeiras de plástico descartáveis, nos bibelôs quebrados e insistentemente colados, nos móveis e eletrodomésticos estragados e repetidamente reparados. Atravessando esse espaço-tempo da infância dessa personagem, há um objeto significativo, um objeto que, de algum modo, preserva esse espaço-tempo para sempre perdido e, simultaneamente, traz consigo as marcas de seu esfacelamento:

um anão da Branca de Neve que seu pai comprara no Natal e que repousa, solenemente, sobre a geladeira. Esse objeto *kitsch* paira na memória de Paulo como um signo de sua antiga casa no Bico da Areia, espaço da saudade e da convivência – não importa se feliz ou se nem tanto – com os pais, sobretudo com o pai que, àquela altura chamava-se ainda Carlos: “quem diz o anão da Branca de Neve diz o tempo em que morávamos do outro lado do rio” (ANTUNES, 2001a, p. 386). Esse pequeno objeto *kitsch*, como tantos outros nas narrativas antunianas, funciona como uma pequena ruína desse espaço da casa da infância, um índice dessa cosmicidade das casas contemporâneas

5 CASAS-DESFECHOS

A imagem da casa se revestiu de várias significações ao longo da história, reforçando ou traindo os investimentos presentes no imaginário cultural, afastando-se ou aproximando-se dos arquétipos fixados. O espaço não é, portanto, algo que atravessaria a história uma categoria autônoma, estanque ou auto-suficiente, pelo contrário é uma categoria que se sustenta como resultado dessas condições históricas de percepção e de elaboração conceitual. O espaço físico não pode ser completamente mensurado ou compreendido e representar essas casas contemporâneas não é meramente reproduzi-las em todos os seus vetores, em todas as suas coordenadas culturalmente postuladas e reconhecidas: essas casas são, na ficção contemporânea, imaginadas como uma espécie de Babel – espaço de confusão e do desentendimento, da incomunicabilidade, da intraduzibilidade e do anti-diálogo.

A estabilidade ilusória e precária que a casa arquetípica promove é posta a descoberto nessas imagens contemporâneas da casa. Esses espaços domiciliares subsistem, como tudo o mais na pós-modernidade, apenas por um breve período, por um instante entre o adormecer e o despertar. Segundo a chave integradora de Bachelard, na natureza nada é precipitado, tudo requer maturação

para atingir a cosmicidade, mas a cosmicidade contemporânea se faz na e pela velocidade – pela rapidez, dirá Calvino⁶. Daí serem essas casas imaginadas pela ficção contemporânea sempre provisórias, casas sem lugar, ocupadas e logo em seguida abandonadas por esse sujeito também ele algo deslocado, dispersado pelas sociedades contemporâneas, globalizadas, das migrações e das diásporas; casas erguidas e imediatamente consumidas pelos processos predatórios de modernização ou pela força dissipadora da negatividade.

Ao fim e ao cabo, o que essas casas contemporâneas revelam – a despeito de sua função primordial de proteger e resguardar – é a desproteção radical do sujeito, sua carência extrema e irredimível. Essas casas escritas claramente nos fornecem “uma variação da situação, não raro tão metafisicamente resumida, do homem no mundo” (BACHELARD, 2000, p. 45). São casas provisórias, sim, tão provisórias quanto a casa alheia que cada um de nós ocupa, por um breve instante, como se fora nossa: a casa literária, com seus limites, seus arquétipos, suas molduras, sua cosmicidade e seu hábitat próprios. Tão provisórias quanto os frágeis sujeitos que as habitam.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, A. L. *Que farei quando tudo arde?* Lisboa: Dom Quixote, 2001a.
ANTUNES, A. L. *Exortação aos crocodilos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001b.
ANTUNES, A. L. *A ordem natural das coisas*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.
BACHELARD, G. *A poética do espaço*. 5. ed. Trad. Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: M. Fontes, 2000. (Coleção Tópicos).
CALVINO, I. *Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas*. 2. ed. Trad. Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
FOUCAULT, M. *O pensamento do exterior*. São Paulo: Princípio, 1990.

⁶ Cf. CALVINO. *Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas*. 2. ed. Trad. Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 43-67.